

UMA TRAGÉDIA
Estudo do Caso da Tromba d'água
Maceió, maio de 1949.¹

Por

José de Oliveira Junior

Mestrando em Sociologia – PPGS/ICS/UFAL
(PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA/ INSTITUTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS).

¹ “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

1. RESUMO

No ano de 1949, mês de maio, nos dias 18, 19 e 20 a cidade de Maceió – e mais especificamente o bairro do Poço – sofreu um grave transtorno que modificou o modo de agir e viver de grande número de pessoas. A cidade e os indivíduos que nela habitam sofreram uma desestruturação. Aconteceu um fenômeno da natureza que ficou conhecido como: a tromba d'água. Este infortúnio da natureza consiste em águas que caem do céu sem parar por vários dias. Este fenômeno natural pode-se assemelhar as grandes encenações trágicas ocorridas na Grécia Antiga. As tragédias gregas eram espetáculos teatrais encenados no século V a C. que mostravam os infortúnios trazidos pelo ser humano e sua humanidade. A tragédia surge enquanto um culto religioso ao deus Dioniso. Na tragédia o intuito era mostrar a passagem da boa à má fortuna. Um mundo cheio de contradições e destruições. Um universo feito de realidades dolorosas e pessoas mesquinhas. Através das tragédias os gregos procuravam dar signos, sentidos e significados a sua existência no mundo. Através da tragédia buscava-se uma reconstrução dos processos do (no) mundo. Alguns fatos que se passa em nossa existência nem sempre parecem ter sentido imediato, no entanto, eles acontecem e fazem-nos dar sentido ao que aparentemente não tem sentido. E o que se passou com parte de nossa população naquele mês de maio de 1949, foi algo fora do trivial: uma catástrofe que provocou uma tragédia.

Palavras-chaves: Antropologia, Artes e Cotidiano.

2. INTRODUÇÃO

O Estado de Alagoas, mais especificamente a cidade de Maceió, no ano de 1949 foi invadida por uma forte chuva que caiu sem parar durante alguns dias. Esse fenômeno da Natureza ficou conhecido como a Tromba d' água. Esta fez com que o cotidiano de muitas pessoas e de parte da cidade ficasse alterado, porque era uma situação de emergência. Causou uma impressionante desestrutura na forma de ser e agir das pessoas. O Estado sofreu perdas de vida e material.

Em nossa capital – Maceió – foram muitos os estragos sofridos. Muitos bairros foram castigados e, nos municípios a situação também foi de calamidade e desespero diante da desventura na vida dos cidadãos. O tráfego de veículos pelas ruas e rodovias ficaram prejudicadas. Muitas casas desabaram, encostas ruíram promovendo o caos.

Os bairros de Bebedouro, Poço e Fernão Velho em Maceió, foram dos muitos que sofreram destruições. Nestas localidades as barreiras que existiam vieram abaixo causando muitos transtornos. O bairro do Poço, mais especificamente, sofreu conseqüências; foi o local mais destruído em virtude da queda das barreiras do antigo Farol² da cidade, que se desprende sobre as casas dos moradores da Rua Barão de Atalaia.

Toda esta situação catastrófica aconteceu no mês de maio, nos dias 18, 19 e 20: 70 horas de chuvas quase que ininterruptas. Uma catástrofe da natureza que levou a uma tragédia. Pouco ou quase nada se sabe sobre essa Catástrofe/Tragédia. Etimologicamente, de acordo com Seligman-Silva (2000), a palavra catástrofe é proveniente do grego e significa “*virada por baixo*”. Essa tradução literal é extremamente densa de significado e demonstra a experiência subvertendo as formas íntimas de operação do cotidiano, tendo-se, então, a “*virada por baixo*”. É uma experiência que pode atingir o âmago de uma sociedade. Catástrofe é uma palavra grega que significa desenlace, desfecho: é uma das últimas partes da tragédia teatral. De acordo com Pavis (1995), A catástrofe não está necessariamente ligada à idéia de acontecimento funesto, mas às vezes, àquela conclusão lógica da ação... Neste trabalho, conceituo tragédia como

² Nessa época o Farol da Marinha do Brasil era localizado em cima da barreira que dava para a Rua Barão de Atalaia.

“canto do bode”, ou seja, uma peça teatral que representava uma ação humana funesta e que por muitas vezes terminava em morte (s). Nos dias atuais a Tragédia passou a significar algum infortúnio trágico e desligou-se do sentido clássico dado pelos gregos.

Alguns moradores da cidade lembram da catástrofe que levou a tragédia, pois ficou marcado e registrado para sempre em suas memórias e vidas.

Através do material oral coletado em entrevistas pude estudar as lembranças de moradores que vivenciaram esta desventura, procurarei desta forma “reconstruir”³ uma situação vivida. A partir deste fato - a queda das águas sobre as vidas dessas pessoas – ver-se-á que a observação microscópica dos fatos triviais nos revelará uma imagem do trágico⁴ sobre a vida do ser humano.

Quando aconteceu a catástrofe a cidade encontrava-se muito esburacada, parecia não existir um cuidado sobre a mesma, daí as conseqüências arrasadoras maximizadas pelas chuvas que por aqui caíram. Havia um descaso de nossas autoridades políticas locais e federais, passava-se por uma grave desestrutura no que diz respeito à urbanização.

O estudo, ou, pesquisa da observação cotidiana tem por objetivo não rejeitar os acontecimentos passados na vida de um indivíduo, sociedade, Estado. No entanto, neste trabalho, a forma de descrever o que aconteceu levou-me a escolher esta forma mais ensaística de apresentar minhas reflexões e fragmentos do material. (...) Creio que assim sinto maior liberdade para expor, de maneira menos detalhada e rígida, preocupações que ultrapassam as fronteiras de disciplinas estabelecidas... (VELHO: 1986).

Quando o intuito de algum estudo ou pesquisa se volta para as camadas mais populares de uma sociedade, a Antropologia e a História Oral são de grande valia e inestimável ajuda e percepção para a reconstrução do passado. Segundo Debert (1986), a história de vida de um ser humano vivido e vivenciado em um passado próximo ou

³ Reconstruir: construir de novo. Procurei reconstruir em letras e imagens o que foi vivenciado sem me esquecer que seria impossível descrever os fatos se não tivesse quem contasse, bem como o auxílio das fontes escritas: jornais.

⁴ Segundo Pavis, o trágico é um princípio antropológico e filosófico que pode ser encontrado em várias formas artísticas, assim como na própria existência humana.

distante não nos fornecerá um quadro real daquilo que se passou. O que se espera de uma história de vida (oral), é que possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre um determinado assunto, a partir da história concreta de uma experiência de vida específica.

O interesse da história oral não é apenas o interesse do passado, ou pelo passado; ela procura revelar como a memória das pessoas menos favorecidas, foram e são construídas. A reminiscência de um indivíduo nos proporciona certa atualidade e uma riqueza de detalhes.

A intenção é realizar o estudo do acontecimento. E esse estudo será fundado nos registros da memória. Porém, me utilizarei de informações de jornais como dados secundários. A intenção é também transmitir a vinda do inesperado e do trágico no que desejamos ressaltar como uma reação à catástrofe articulando-a ainda com as tragédias gregas.

A catástrofe é um acontecimento inesperado e pode atingir radicalmente a vida das pessoas. O inverno com suas chuvas é sempre esperado pela experiência cotidiana da população, mas uma Tromba d'água é inesperada.

Por mais rigoroso que fosse o inverno jamais iria assemelhar-se a força da Tromba d'água, expressão popular que nos conduz a imagem de uma torneira permanentemente aberta para jorrar as águas do céu. O que me remete a Antonin Artaud (1993) quando diz que, *não estamos livres e o céu pode desabar sobre nossas cabeças*.

3. Descrevendo a Tromba D'Água: uma catástrofe e a tragédia

A cidade e seus habitantes seguiam o percurso normal de sua cotidianidade, quando aconteceu a catástrofe que recobriu a terra de água, devastando e levando os indivíduos a viverem uma quebra radical no fazer diário.

Neste contexto, a catástrofe (Tromba d'Água) pode ser compreendida como um acontecimento súbito que levou a tragédia (desestruturação nefasta na vida das pessoas).



Foto 01. Vista da Praça Costa e Silva. Foto cedida do acervo do Professor Dr. Luiz Sávio de Almeida.

Carvalho (1980) diz que o regime das chuvas é regular mesmo que haja as pequenas variações nos começos ou nos fins das duas principais estações. O inverno em Alagoas era anunciado e junto com ele as chuvas que caíam, poderia trazer sérios transtornos posto existirem muitos buracos em vários pontos da cidade.

Em relação à cidade encontrava-se esburacada, em virtude, além do desgaste natural do uso, por perfurações feitas nas ruas por empresas de água e saneamento a fim de implantarem canos e serviços de esgoto; esses buracos, que não eram adequadamente fechados como deveriam, ficavam expostos nas ruas sem que nenhuma providência fosse tomada.

As autoridades, então Prefeito e Governador, prometem nos jornais tomar medidas severas contra as empresas que perfuravam as ruas e as deixavam esburacada. Porém, não havia nenhuma ação concreta e a cidade continuava como estava - e daí para pior. Isto, porque, os governantes sempre prometeram (prometem) e nunca cumprem

com o prometido, porque não existe uma cobrança e pressão por parte da população em reinvidicar seus direitos.

Em 18 de maio de 1949, foi divulgada em todos os jornais da capital a grave situação encontrada em virtude de fortes chuvas que caíam sobre esta terra: *Chuvas torrenciais caem sobre todo o Estado*. Mais de vinte e quatro horas de pesados aguaceiros. Inundada toda a cidade em virtude das fortes chuvas e falta de um perfeito escoamento – desabamento – não há notícia de acidentes (Jornal de Alagoas, 18 de maio de 1949).⁵

Em apenas 24 horas de fortes chuvas toda a cidade começa a alagar. Começava-se a viver uma situação de caos e destruição. Não havia um eficiente escoamento pluvial e não existia sistema de drenagem⁶. As águas torrenciais que caíam, inundavam ruas, calçadas e adentravam pelas casas. Até então, os governantes estaduais e municipais, nunca se preocuparam com a urbanização organizada de nossa cidade, e sobre a população uma vez mais recaía um preço muito alto, um pesado ônus.



⁵ A grafia que se encontra no corpo do texto, das citações do Jornal que menciono ao longo do corpo desse texto, encontra-se de acordo com o original recortado do Jornal de Alagoas de 1949, pois era a ortografia utilizada na época. O Jornal utilizado nessa pesquisa foi o Jornal de Alagoas, pois não foi possível ter acesso a outros jornais da cidade.

⁶ Jornal de Alagoas, 18 de maio de 1949.

Foto 02. Trecho do Camartelo. Águas tranquilas e casas submersas. Nível 4.80 cm. Em 17 03 49. Foto cedida do Acervo do Professor Dr. Luiz Sávio de Almeida.

Nas ruas completamente alagadas submergiam os transeuntes que nelas tentassem passar. O único transporte a transitar por certas ruas eram canoas e jangadas. Essa era a situação em alguns bairros da capital. O riacho do Salgadinho e Reginaldo tornaram-se sobrecarregados com o grande volume d'água que recebia nesses dias de fortes aguaceiros e em função do seu transbordamento as casas que se encontravam ao seu redor sofriam ameaças de desabamentos.

Nos pontos baixos da cidade onde persistiam ruas com aqueles buracos perfurados para abastecimento d'água e serviço de saneamento a lama tomava conta e complicava ainda mais a vida das pessoas. Na ladeira dos Martírios e Catedral as águas desciam como verdadeiras cachoeiras. Essa era a situação da cidade em apenas um único dia de pesadas chuvas. Mal se sabia que essas águas perdurariam por mais alguns longos dias esticando a noção do tempo.

Além das águas que caíam sem parar e que começavam a preocupar os cidadãos maceioenses devido ao grande fluxo não existia na cidade nenhum tipo de atenção por parte das autoridades locais, mesmo porque, tampouco pensaram em eventualidades que poderiam levar a uma tragédia como daqueles dias. No Jornal de Alagoas, de 20 de maio de 1949, liam-se as seguintes manchetes:

O Salgadinho e o Reginaldo transbordaram do seu leito, correndo rumores de que há ameaça de desabamento de casas marginais,...

Os bairros mais sacrificados pelo aguaceiro são Poço, Mangabeiras, Bebedouro, Levada e Pajussara.

Bondes, em certas horas, não há nenhum em transito. Ônibus deixaram de rodar, com justas razões, porque a empresa não vai expor seu material aos buracos das ruas submersas nas poças de lama.

Até a luz faltou. Parte da noite toda a cidade esteve às escuras.

Ainda, em 19 de maio de 1949, as chuvas torrenciais persistiam sobre a cidade de Maceió e a situação tornava-se cada vez mais crítica devido ao crescente volume das águas dos rios e lagoas. Tanto a Capital como os municípios interiores praticamente submergiam, e os flagelados nada podiam fazer. Vivia-se uma das tragédias mais arrebatadoras de que se tinha notícia. Os jornais estampavam em suas páginas as notícias da chuva; relatando toda a sua conseqüência para a capital e para o interior e

mostravam ao mesmo tempo como o fazer cotidiano de seus habitantes estava sendo alterado.

De acordo com Artaud (1993), sob a ação do flagelo os quadros da sociedade se liquefazem. A ordem desmorona. Ele assiste todos os desvios da moral, a todas as derrocadas da psicologia, escuta em si mesmo o murmúrio de seus humores... E era esse o quadro em que se encontrava a cidade segundo o Jornal de Alagoas: Maceió isolada do resto do Estado. Impressionantes desabamentos causaram perdas de vida. Interrompidas as comunicações ferroviárias – não funciona o telegrafo da ‘Great Western’ – situação no interior (19 de maio de 1949).

Haviam passados 36 horas de chuvas ininterruptas. A cidade já se encontrava inteiramente ilhada. O aguaceiro caía persistente tornando-se às vezes ameno outras vezes violentíssimo, o tempo aclarava um pouco, mas logo depois as chuvas recomeçavam a cair. Os danos e os prejuízos avolumavam-se incalculavelmente. Inúmeras casas desmoronaram-se pelo chão, muitos bairros e ruas transformaram-se em rios, diversas barreiras e pontes convertiam-se em verdadeiras armas contra a população à medida que iam se desprendendo de suas cabeceiras. Várias pessoas morreram, muitos lares tinham sido destruídos e famílias inteiras encontravam-se desabrigadas e sem eira nem beira⁷ em consequência das águas que jorravam sem parar.

Em consequência das fortes chuvas que persistiam em cair, “*Barreiras ruíram no Farol, na entrada do Poço e em Bebedouro*”⁸, tornando assim a situação ainda mais grave. Com o desabamento das barreiras apareceram nos jornais às primeiras notícias de mortes – porém, com todo o aguaceiro que caía na cidade há alguns dias e, devido à falta de uma melhor informação por parte dos jornalistas e autoridades em relação a esta catástrofe podemos dizer que não foram essas as primeiras mortes, mas as mais brutais que tínhamos tido notícias nos últimos tempos e nos últimos dias, em consequência da tromba d’água. E, com a queda das barreiras acontecia um novo cenário para a tragédia.

⁷ Eira e beira eram os nomes atribuídos aos ornamentos de madeira recortada, colocadas logo após o telhado das casas, principalmente na cidade de Marechal Deodoro. Ornamentos estes que só poderiam ter pessoas que tivessem bom poder aquisitivo. “Sem eira nem beira” era uma expressão da época, utilizada ainda nos dias de hoje com o mesmo significado: referir-se a quem está em situação difícil, economicamente falando.

⁸ Jornal de Alagoas, 19 de maio de 1949.

As águas persistiam em cair, os jornais continuavam a estampar em suas folhas a destruição pela qual vivia nossa cidade: Totalmente isolada Maceió do interior do Estado. Suspensas as comunicações entre Maceió e Jaraguá. O bairro comercial sem luz, água e telefone e transportes – urgem providências imediatas para regularizar a situação – ponte do salgadinho (20 de maio de 1949).

Essa era uma das muitas calamidades pela qual passavam. Porém, não era uma das piores, as piores delas tinham sido as quedas das encostas na Rua Barão de Atalaia, soterrando muitas casas e famílias, a barreira do bairro de Bebedouro, e, também a barreira de Fernão Velho (Bairro onde se encontravam várias fábricas de tecidos). Essas barreiras ruíram na madrugada do dia 20 de maio e a esta altura vivia-se 70 horas de chuvas torrenciais.

Era alta madrugada. A chuva caía violentamente sobre todo o Estado quando se desprende uma parte da barreira onde se situava o antigo Farol da cidade. Muitos moradores que habitavam esta localidade foram surpreendidos com a avalanche de areia e lama que começou a despenhar e a soterrar a tudo e todos que se encontravam no seu caminho.

Os efeitos da queda das barreiras na Rua Barão de Atalaia assemelhava-se a uma verdadeira situação de guerra que “jamais tinha sido vivenciada por nossas gentes”⁹. A situação com a queda das encostas agravou-se. Estavam todos assustados diante da dimensão da catástrofe e atônitos diante de tamanha tragédia.

A senhora Edualva Alves, 70 anos de idade, nos diz que só escutou um estrondo. Teve o estrondo e ela pensou que fosse um trovão ou algo parecido. Ela saiu de sua casa para ver o que tinha acontecido: “*Nós viemos pra aqui olhar uma coisa triste, mais triste mesmo. Gente que saiu quase... Na hora teve um Sr. que saiu, assim que ele saiu com a filha a casa caiu com tudo*”. Um irmão dela que se encontrava em Recife recebeu a seguinte notícia: “*o Poço esta se acabando*”.

O *Jornal de Alagoas* em uma de suas manchetes publicava a calamidade pela qual estavam passando:

⁹ Este é apenas um dos fragmentos funestos pelo qual nossa sociedade passou (passa).

O quadro é dantesco. Dificilmente se pode conceber a extensão da tragédia da madrugada assassina de ontem. Apesar de repetidamente condenada a barreira do Farol, ninguém supunha que tivesse lugar o seu desabamento, tal como ocorreu (20 de maio de 1949).

Abala Maceió:

A mais dolorosa tragédia de sua história

Surpreendidos onde dormiam, foram soterrados sob o peso colossal das barreiras.

Os moradores da Rua Barão de Atalaia – Previa-se a Hecatombe – Socorros de urgência – Desabamento na cidade – Cenas trágicas.

Apesar de muitas pessoas virem prestar seu socorro e sua solidariedade aos atingidos pelo desabamento das barreiras, pouco ou quase nada poderia ser feito. A remoção dos escombros era feita sem ordem e diretriz. Os órgãos de defesas civis não sabiam por onde começar seus trabalhos. Lembrando a citação de Artaud, tudo estava desorganizado e não existia uma ordem a ser cumprida. Cada pessoa fazia o que achava que deveria ser feito. Nesse momento trágico em que a cidade passava por esse flagelo, quase todos se mostravam totalmente incapazes de se organizar, pois, os moradores que vivenciaram essa tragédia em suas vidas ficaram atônitos diante do inesperado e procuravam tomar as medidas cabíveis para se proteger do descaso e da omissão, pois nesse momento as ações se faziam necessárias. Assim, seria necessário considerar o flagelo como o instrumento direto ou a materialização de uma força inteligente em estreita relação com o que chamamos de fatalidade (ARTAUD: idem: 12).

No dia 21 de maio a cidade começava a voltar ao seu curso; as águas que caíram já não se faziam mais presentes, mas ainda sofria-se com toda a calamidade pela qual tinham sido solapados. Os jornais publicavam o tamanho dos prejuízos que foram trazidos pelas águas devido à consequência do descaso político dos governantes.

O prejuízo financeiro da cidade com esta catástrofe foi impressionante, pois as águas fizeram com que todos os serviços da capital e interior ficassem paralisados por um tempo indeterminado em função da desordem instalada. A vida da população estava totalmente desestruturada e os serviços que havia na cidade estavam completamente parados.

Após os dias de intensas e ininterruptas chuvas, transbordamentos, desabamentos, mortes, o que passou a preocupar a sociedade foi o alastramento de

surtos de doenças endêmicas. Sofria-se neste momento com o fantasma de doenças como tifo¹⁰ e paratifo¹¹. Temia-se o alastramento de doenças e sentia-se um verdadeiro terror frente uma epidemia.

Em virtude do que se tinha passado com toda a catástrofe e tragédia começava a se abater sobre a cidade uma séria ameaça de crise financeira, estrutural, educacional. Muitas pessoas abastadas pensavam somente em tirar proveito de toda a calamidade. Muitos moradores começaram a reclamar sobre a falta de alguns gêneros alimentícios que sumiam das prateleiras. Em tempos de crise muitos só pensam em tirar proveito e ganhar o máximo que puder dos que estão necessitando, e, como não poderia deixar de ser muitos por aqui também não fugiram dessa regra de exploração. Os preços de alguns produtos estavam acima do normal. O Prefeito e o Governador mais uma vez prometeram conter esta tática de exploração fazendo, com isso, um tabelamento dos preços de vários produtos e ajudando aos flagelados. De acordo com o Jornal de Alagoas, 21 de maio de 1949:

A Comissão de Abastecimento do Estado de Alagoas, em combinação com o Governo e a Prefeitura Municipal, avisa ao público que serão instalados postos para a vendagem de gêneros de primeira necessidade, em diversos pontos da cidade, a fim de evitar a exploração dos tubarões do cambio negro.

Os serviços de água, energia (luz), telefone e transportes, continuavam faltando na capital. A vida ainda estava paralisada devido todo acontecido. Se já não se podia contar com um bom serviço de água, luz, telefone etc., antes da tragédia depois a situação no que diz respeito a esses serviços só pioraram. Não se sabia quando esses serviços voltariam ao seu funcionamento normal.

¹⁰ Tifo: s.m. (G. Typhos, estupor). Nome genérico sob o qual antigamente se reuniam doenças infecciosas febris, que provocam estados tóxicos graves, com redução ou perda do conhecimento. Várias doenças ou grupos de doenças foram desintegrados dessa denominação genérica, restando o nome sob forma latina, Typhus, para o grupo das febres exantemáticas – Tifo exantemático europeu, febre das Montanhas Rochosas, tifo murino, etc. No Brasil, denominava-se vulgarmente tifo e febre tifóide, que os ingleses chamam “Enteric fever” e os alemães tifo abdominal (Typhus abdominalis, em consequência da afinidade dessa doença para o intestino, V. febre Tifóide. (...). Dicionário Médico. **FORETES**, Hugo e **PACHECO**, Genésio. Editor: Fábio M de Mello. Rio de Janeiro. S/d.

¹¹ Paratifo s.m. O mesmo que paratifóide. Paratifóide adj. e s.f. Semelhante à febre paratífica ou paratifóide; semelhante ao bacilo Tífico (Salmonella Typhi). IDEM.

Em Maceió uma campanha contra o alarmismo estava sendo desenvolvida junto à população, pois muitos começaram a criar histórias mirabolantes em virtude do que aconteceu e começavam a criar especulações sobre o que viria. Como por exemplo:

Pela madrugada, um navio surto no nosso porto, tendo de levantar ferros, verificou que parte da sua tripulação ainda permanecia em terra. Como é de praxe na vida marítima, apitou continuamente chamando o pessoal para bordo. Pela manhã, formara-se na cidade, com todas as tintas de uma tragédia evitada milagrosamente, a notícia de que alta noite, uma tromba d'água se aproximara da cidade e fôra contida por tiros de canhão partidos de bordo de um navio americano ancorado no porto de Jaraguá (...) (idem, 24 de maio de 1949).

Era nesta condição de total pânico que a cidade se encontrava. Qualquer situação atípica era motivo de alarme e preocupação por parte dos indivíduos. E esta situação fazia certo sentido para as pessoas, pois não se sabia o que tinha passado e, não sabiam se voltaria a ocorrer novamente outra calamidade de proporções iguais (ou, pior) a esta. Havia um medo de reincidência instalado.

A vida da população depois de algum longo tempo estava retornando ao normal. E, segundo alguns entrevistados, os dias pareciam não passar. Muito ainda precisava ser feito para que tudo estivesse em condições de funcionamento, porém, como não existiam muitos materiais de remoção de escombros e nem pessoas qualificadas para executar devidamente as obras tudo estava sendo reconstruído aos poucos, é verdade. O fornecimento de água e iluminação estava funcionando. O tráfego para o bairro de Jaraguá após a construção de uma ponte de emergência estava sendo feito através do bairro do Poço, e, também quando a maré se encontrava seca através da Avenida Duque de Caxias. A cidade gradativamente e muito gradativamente passava a retornar ao seu curso diário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tromba d'água que caiu sobre a capital alagoana remeteu-nos a uma realidade de vida que jamais se poderia sequer pensar. Os indivíduos foram solapados por um fenômeno que fugia por completo do domínio e que trouxe o inesperado e o inimaginável. Não podiam controlar o que acontecia e tampouco prever que haveria destruição de uma hora para outra com tamanha fúria.

As águas trouxeram consigo um contexto trágico através dessa tromba d'água, porque todo o contexto de vida da cidade e sociedade foi alterado; muitas pessoas morreram. Uma catástrofe sempre é algo desolador e angustiante que causa tragédia.

Quando uma catástrofe se abate dentro de uma sociedade, de uma cultura, percebemos o quão frágil e desprotegidos somos diante do intangível, do aparentemente inexplicável e de tantas destruições se proliferarem. Vivemos num mundo cheio de novidades desagradáveis e, por isso, indesejados.

A natureza sempre foi tratada com indiferença pela humanidade. Sempre a deixamos em segundo e às vezes, até em terceiro, quarto plano, pois não conseguimos entendê-la em toda a sua diversidade nem a respeitamos quanto ela deveria ser respeitada. Essa mesma natureza que tanto desprezamos, às vezes, e quase sempre nos surpreende com sua força e seu poder. É capaz, por exemplo, de destruir uma cidade. Seu poder pode ser de uma força surpreendente e destruidora.

A semelhança existente entre uma tragédia real e uma tragédia teatral é o rompimento abrupto que ocorre no cotidiano de vida das pessoas devido a uma situação funesta e destruidora. A catástrofe (no cotidiano da vida) é real. A Tragédia – espetáculo teatral - se nutriu do cotidiano, mas, não é real, é uma representação do real.

O contexto histórico em que surge a encenação da Tragédia é um momento muito peculiar, porque corresponde a um estado particular de articulação entre o mito e a razão onde essas categorias entram em conflito e onde é preparada a vitória final do pensamento.

O governo passa a valorizar a arte de uma maneira em geral na Grécia, porque, passou a perceber a importância dessas atividades dentro de uma sociedade e o poder ideológico que a mesma carrega consigo na transformação de mentalidades. A arte modifica o pensar e o agir, pois nos traz uma reflexão sobre os acontecimentos do mundo. Mas a arte surge também nesse contexto como meio de dominação, porque é incorporada ao culto religioso de um povo.

Na Tragédia grega os homens se sentiam mais ou menos enraizados e em casa, isto é, no mundo ao qual eles se encontravam. Pois, a Tragédia era uma encenação dos fatos trágicos ocorridos no mundo e em sociedade. Na tragédia Grega, a matéria-prima das histórias criada e encenada partia da mitologia e a ela retornavam, porque os mitos eram em sua forma bruta horrível e atrágicos. A tragédia tinha por finalidade não torturar, mas sim encantar.

A Tragédia enquanto um espetáculo teatral é uma imitação das realidades dolorosas do mundo real, é uma narrativa de fatos capazes de serem ou não, vivenciados na nossa trajetória de vida.

Na arte trágica o elemento de criação para se preparar um espetáculo era a imitação de fatos e atos dolorosos dentro da vida da humanidade. E com a democracia criada por Péricles, no século V a C., a Tragédia toma grandes dimensões político-educadora. Sendo a arte uma reprodução artificial a tragédia é uma obra de arte. É ela (a Tragédia) uma síntese da mudança da boa a má fortuna.

De uma maneira muito peculiar os gregos perceberam que a Tragédia era encadeamento de ações inerentes à vida dos homens. Por isto, toda catástrofe pode provocar uma tragédia, porém, nem toda Tragédia é proveniente de uma catástrofe. A palavra trágico, no mundo de hoje é completamente desvinculada daquela que os gregos utilizavam em seu cotidiano de vida.

O que tem de ser reconhecido e sentido como trágico é a queda de um mundo ilusório e de felicidade plena. A verdadeira Tragédia está ligada ao decurso da vida, porque, o trágico sempre esta para acontecer.

O trágico encontra-se inserido dentro do rompimento da medida, ou seja, na desmedida, porque, é o *acaso* que rege nossas horas. E quem manda são aqueles que detêm o poder de impor para o indivíduo de uma sociedade como deve ser o seu fazer

diário. Pois, *o indivíduo dramático recolhe os frutos dos próprios actos* (HEGEL: S/d: 286).

Os Trágicos nos deram uma boa maneira de encararmos o mundo. Somos todos os heróis, ou, meros coadjuvantes? No mundo existe alguma ordem, ou, temos que buscar essa ordem? O ser humano precisa sentir-se pertencente à Gaia e sentir que aqui é o seu verdadeiro lugar e lar.

Sendo o trágico um resultado da oposição entre os indivíduos em suas ações é, pois somente na realidade humana que se dão os embates acometidos pela falha trágica. Porque, *Os heróis trágicos são simultaneamente culpados e inocentes* (Ibidem: 344).

O contexto histórico modifica a forma de visão do mundo. A Idade Média surge como se fosse um novo repensar do mundo e do humano. E devido a isso a tragédia moderna se ergue na medida em que essa época de obscurantismo passa a trazer incertezas para uma nova esperança. Tudo estava em reconstrução em uma nova visão. Na Idade Média o mundo passou por um processo de reestruturação sócio-cultural com o novo modo de ver o mundo e os deuses. Buscava-se uma nova ordem social onde os seres humanos pudessem viver com mais dignidade.

Na Modernidade os homens passaram a se sentir estranhos nesse mundo ao qual pertencem e são parte.

Na tragédia grega os protagonistas se sentiam pertencentes e vivos no meio ao qual faziam parte. Na modernidade, o protagonista trágico, passou a enxergar em sua morte o fim adequado para sua existência – ou melhor, para sua não-existência. O protagonista trágico é uma representação do real.

O gênero trágico tem como sua principal característica à descrição, a narrativa e as formas minuciosamente detalhada de descrever e contar o que aconteceu. E o que

aconteceu naquele mês de maio de 1949 pode e deve ser caracterizado como sendo um espetáculo trágico, na medida em que constamos um encadeamento de ações perniciosas por parte de nossos governantes. O personagem Trágico moderno emerge, pois, da construção cotidiana da história.

A Tragédia Moderna encontra-se fundamentalmente interligada com essa sensação de dúvida de todas as coisas. E a alienação é um dos fatores primordiais para que possamos entender o herói trágico na modernidade. Enquanto, na Grécia Antiga os protagonistas nunca alcançavam a sua morte, pois morrer seria algo terrível que poderia acontecer, em consequência, o sofrimento passaria a ser eterno, na modernidade o protagonista passou a encontrar em sua morte o fim necessário para suas angustias cotidianas.

Na Modernidade a situação trágica pela quais os seres humanos se encontravam surge a partir do conflito de valores que faziam com que se estivesse sempre às voltas com o ser e com o tempo ao qual estamos inseridos dentro de nossa existência sócio-cultural. O herói trágico moderno surgiu da construção social cotidiana da história, pois o herói moderno expressa o cotidiano das pessoas comuns.

É através do sofrimento dos nossos semelhantes que poderemos dizer de certa maneira que somos espectadores do trágico em nossa existência, porque, constata-se que a qualquer instante de nossas vidas podemos ser atingidos por um infortúnio funesto. O mundo onde encontra-se inserido o herói trágico na modernidade passou a se construir através dos conflitos que a vida lhes colocam e, através das intenções dos indivíduos em relação à lógica do capital.

A tragédia que atingiu a capital alagoana assemelha-se a um espetáculo trágico devido às proporções avassaladoras vivenciadas e a destruição na própria pele. No mundo moderno o herói trágico passará a se erguer a partir dos conflitos e ideologias pelo qual a vida na sociedade o levará e a partir de sua verdadeira intenção em relação às coisas com o capital que passa a dominar todas as formas de pensar e fazer.

As pessoas que assistiram toda aquela catástrofe pela qual passou a cidade de Maceió nos dias de torrencial aguaceiro viveram uma experiência que fugia por completo de seus domínios e pensar.

Os fenômenos da natureza e os fenômenos sociais ocorridos são acontecimentos catastróficos que podem provocar tragédias na medida em que modificam nossa forma de ser e estar no mundo ao qual estamos inseridos e somos parte. É a ruptura do mundo mítico com o mundo vivido entre todos aqueles que fazem parte da sociedade – seres humanos.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Luiz Sávio de. *A História Escrita no Chão*. – Maceió: EDUFAL, 1997.

ARISTÓTELES. *Poética* / Aristóteles; [Tradução Eudoro de Souza]. – São Paulo: Ars Poética, 1993.

ARTAUD, Antonin, 1896-1948. *O Teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: tragédia e comédia*. – Petrópolis: Vozes, 1985.

BRANDÃO, Junito. *Teatro Grego: Origem e Evolução*. São Paulo: Ars Poética, 1992.

BERGER, Peter L., et alli. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

Catástrofe e Representação: ensaio / Arthur **Nestrowski**, Marcio **Seligmam-Silva** (org.) – São Paulo: Escuta, 2000.

CARVALHO, Cícero Pércles de. *Formação Histórica de Alagoas*. Ed. GráfiteX. Maceió – Alagoas. 1980

CABRAL, Otávio. *O Trágico e o épico pelas veredas da modernidade*. Maceió: EDUFAL, 2000.

COSTA, Ligia Militz da, et alli. *A Tragédia: Estrutura e História*. Ed. Ática. São Paulo, 1998.

DEBERT, Guita G. “Problemas relativos à utilização da história de vida oral”. IN: *Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa* / Eunice R. Durhan... et al; organizadora Ruth C. L. Cardoso. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HEGEL. *Estética: poesia*. Guimarães e C^a Editores. São Paulo. S/d.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Paz e Terra, 1992.

LESKI, Albin. *A Tragédia Grega*. São Paulo: Perspectiva S. A., 1976.

LE GOFFE, Jaques. *Memória e História*. 3^a ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.

LEVI, Geovanni. “*Sobre a Micro-História*”. **IN**: *A Escrita da História: novas perspectivas* / Peter Burke (org.); Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Origem da Tragédia*. São Paulo: Editora Moraes, s/d.

PAVIS, Patrice, 1947 – *Dicionário de Teatro*; Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. – São Paulo: Perspectiva, 1995.

PRINS, Gwyn. “*História Oral*”. **IN**: *A Escrita da História: novas perspectivas*.

PALLOTTINI, Renata. *Introdução à Dramaturgia*. São Paulo: brasiliense, 1983.

SHARPE, Jim. “*A história vista de baixo*”. **IN**: *A Escrita da História: novas perspectivas*.

SILVEIRA, J. *Noções de Geografia Geral do Estado de Alagoas*. Edição do Departamento Estadual de Cultura. Maceió – AL. 1963.

SALLES, Nara. *A Vivência Mítica e a Emoção na Arte Teatral*. Mimeo. 2002.

JORNAIS:

- Jornal de Alagoas do ano de 1949. De Janeiro a Dezembro.
- Gazeta de Alagoas do ano de 1949. Mês de julho.
- Jornal O Semeador de 1949. De Janeiro a abril.